

CADERNO Fé e Cultura

Edição 09
5 de abril de 2023



Use o QRCode
para acessar o
Caderno Cultural
na Internet, com
mais artigos e
links citados.

O SÃO PAULO



NÚCLEO
FÉ E
CULTURA
Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo

A 10 anos da comemoração do segundo milênio da crucificação

Não temos as datas exatas que marcaram a vida de Cristo. Natal e Páscoa, ano 0 e ano 33, são todas datas simbólicas ou provenientes de cálculos aproximados, feitos muito depois dos acontecimentos. De qualquer forma, estamos apenas a 10 anos das comemorações do segundo milênio da crucificação do Senhor. Lembrando desse fato, o Caderno Fé e Cultura desta Páscoa de 2023 apresenta um artigo do Prof. Jack Brandão, provavelmente o maior conhecedor do Sudário

de Turim no Brasil, sobre essa relíquia tão significativa quanto polêmica na história do Cristianismo. Além disso, trazemos uma pequena reflexão de Bento XVI sobre os dois conhecimentos que temos sobre Cristo: o pessoal de cada um de nós e o histórico. Em nosso artigo sobre cinema, o Prof. Rafael Ruiz indica “Os Fabelmans”, de Steven Spielberg, ganhador do Globo de Ouro e com sete indicações para o Oscar de 2023.



Arte: Sergio Riccluto Conte

O Ressuscitado e o nosso coração

Núcleo Fé e Cultura

Autores consagrados, declaradamente ateus e/ou vindos de uma história de vida cristã, como o escritor José Saramago (*O Evangelho segundo Jesus Cristo*, São Paulo: Companhia das Letras) e o cineasta Martin Scorsese (*A Última Tentação de Cristo*, baseado no romance de Nikos Kazantzakis) frequentemente realizam obras procurando nos mostrar uma face “mais humana” de Cristo.

A comunidade cristã costuma se sentir ofendida e ultrajada por tais obras, que distorcem os relatos e o sentido dos Evangelhos. Contudo, elas trazem em si uma falha muito mais sutil e problemática: fazem a pergunta errada e, por isso, só podem encontrar respostas erradas. A grande pergunta não diz respeito ao lado humano de Cristo, mas sim a seu lado divino.

A existência, nas periferias do Império Romano, de um grande pregador, de um místico ao qual se

atribuía a realização de milagres, que terminou tragicamente numa cruz, pode ser relevante – mas não chega a ser extraordinária. Milhares de grandes homens semelhantes existiram na história. Muitos, talvez a maioria, tiveram sua história recontada com detalhes extraordinários. Nada disso, contudo, é suficiente para que mereçam mais do que o estudo histórico ou a meditação sobre suas ideias.

Aquele que impactou o mundo a ponto de dividir o tempo em um antes e um depois nos intriga não por suas características como homem. Tentar entender mais essas características ou criar novas histórias em torno de sua vida não explicará seu fascínio. A grande questão é em que transcendia do humano.

Pode ter acontecido, na história, que o Infinito tenha se acomodado à trivialidade da existência humana? Os poderosos são sempre ciosos de seu poder e de suas prerrogativas, terá o

Poder Absoluto abdicado de si mesmo para estar conosco por um ínfimo instante dentro da eternidade? Insistirá a Razão Absoluta que rege todas as coisas a se apresentar a nós como escândalo e loucura (1Cr 1, 23)? Nós, que não perdoamos nem a quem amamos, que muitas vezes não perdoamos nem a nós mesmos, poderíamos ser perdoados por Aquele que nunca erra? Essas são as verdadeiras perguntas que precisam ser exploradas por nossa mente questionadora e nosso coração inquieto, aquelas que têm o poder de mudar radicalmente nossa vida.

Luc Ferry, filósofo ateu francês, em *A tentação do Cristianismo* (São Paulo: Objetiva), considera que o sucesso do Cristianismo se deve à perfeição de sua promessa. Queremos nos libertar da morte; pois bem, Cristo morreu e ressuscitou para que ganhássemos a vida eterna. Muitas correntes filosóficas e religiões prometiam uma vida eterna, mas com a dissolução da indi-

vidualidade humana no fluxo eterno do cosmo; no entanto, na vida eterna dos cristãos permaneceremos, de alguma forma, com nossa identidade, pois é a pessoa de cada um de nós que é amada. Queremos nos libertar do peso esmagador da culpa – pois fomos perdoados pela Sua misericórdia, salvos pelo Seu sacrifício! É tudo bom de mais, impossível as multidões não seguirem essa promessa! Mas ele, o filósofo cético, não pode acreditar em algo tão bom, tão condizente aos desejos humanos... Por isso é ateu!

Quase dois mil anos depois de sua morte, Cristo permanece como aquele que mais corresponde ao nosso anseio de felicidade. Contudo, por mais que nós mesmos queiramos muitas vezes, não se apresenta como evidência indiscutível, à qual todo ser humano é obrigado racionalmente a aceitar. Permanece sempre como companhia a ser encontrada e verificada no coração de cada um de nós.

Santo Sudário: uma saga desconhecida

Jack Brandão*

Ao se aproximar o encerramento da Quaresma, tempo de preparação em que se celebram os principais eventos do Cristianismo, chegamos ao Domingo de Ramos, dando início à Semana Santa. Jesus entra em Jerusalém aclamado com gritos de júbilo e hansas; mas, dias depois, o populacho pedirá sua crucificação. Período de intenso simbolismo e mistério, quando se medita, de modo especial, a Paixão, a Morte e a Ressurreição de Jesus.

Tais imagens, descritas nos Evangelhos, proclamadas nas celebrações eucarísticas, meditadas nos mistérios dolorosos do Rosário, nas Vias-Sacras, nos diversos filmes que buscam retratar esses acontecimentos, estão presentes em nossa memória coletiva. No entanto, como essas são construções imagéticas de terceiros, poderíamos nos questionar: como terá sido, efetivamente, os últimos momentos de Jesus naquela semana decisiva para a nossa salvação? Até que ponto aquelas imagens reproduzem, ou não, aquela realidade histórica?

O Sudário. Neste ano, em que se comemoram os 1990 anos daquele dia que nos abriu as portas de nossa redenção, outra imagem vem nos dar luz a determinados pontos que não ficaram claros na leitura dos Evangelhos, de modo especial quando tratam dos últimos acontecimentos da vida de Jesus: o Sudário de Turim.

Provável lençol mortuário que teria envolto o corpo sem vida do Mestre ainda no sepulcro após sua crucificação, as imagens presentes na mortalha nos fazem compreender, de maneira mais intensa, a amplitude daqueles eventos, de certa maneira imprecisos, como os presentes nos textos sagrados.

Mas, como foi possível tamanha imprecisão? Basta termos em mente que tudo aquilo que é banal passa, muitas vezes, despercebido, a ponto de não darmos importância sequer para registrá-lo. Algo parecido pode ter ocorrido com os evangelistas, ao retratarem aqueles fatídicos acontecimentos da Quinta e da Sexta-feira Santas. A crucificação, por exemplo, já deveria ser tão corriqueira na região a ponto de não ser necessária, devido à sua banalidade, a inclusão de certos detalhes, como saber se o supliciado estava nu (ou não) no madeiro, se carregou a cruz toda para o local de execução, se foram empregados três ou quatro pregos, ou fixaram o condenado com cordas.

Os evangelistas, muitos dos quais não estavam sequer presentes na cena, retrataram aquilo que acreditaram ser o essencial: a agonia no Getsêmani, a prisão, os julgamentos, a condenação, a flagelação, a coroação de espinhos, o trajeto percorrido... Mas, como se deu tudo isso? Tal pergunta, deve-se salientar, pouco importa ao crente,

Um dos objetos mais misteriosos da história da humanidade – senão o mais misterioso (no sentido religioso do termo) – o Sudário de Turim traz a inegável imagem de um homem crucificado. Cientistas tentam chegar a um consenso sobre a origem de sua imagem, a datação do tecido, a explicação de suas características peculiares. Seja qual for a verdade sobre ele, para aqueles que têm fé, permanece como um sinal comovente deixado por Deus, para que não nos esqueçamos do sacrifício de amor que Cristo fez por todos.

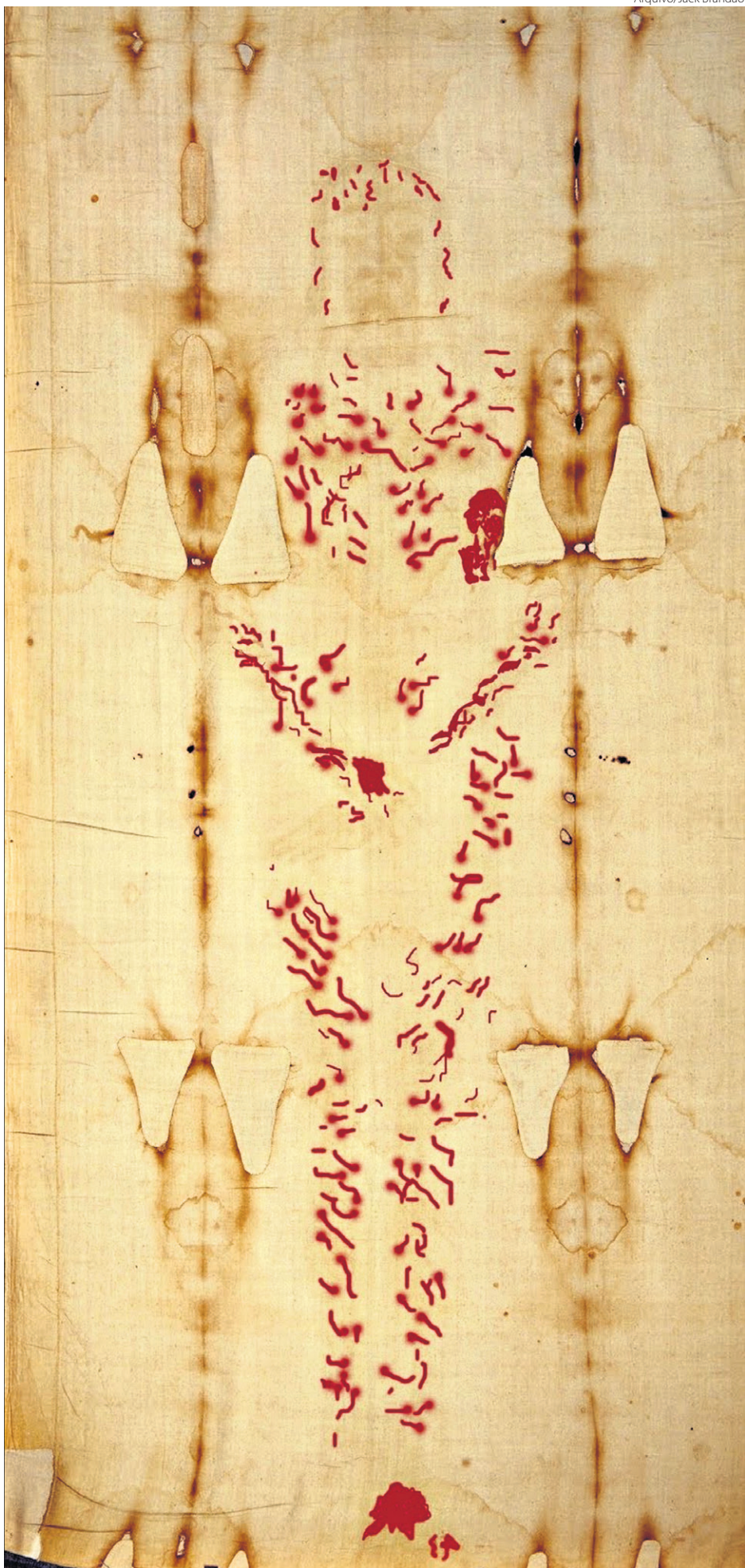


Imagem do Sudário, com as marcas de sangue em destaque

pois é questão de fé, mas para aqueles que não a possuem e poderiam buscar respostas, elas precisam ser dadas, ainda mais em uma época tão iconófila como a nossa.

As controvérsias. Apesar de não ser necessária para nossa fé, que se bastaria a si mesma e sem a necessidade de artifícios externos, a mortalha tornou-se um objeto repleto de controvérsia e fascinação ao longo dos anos. Uns por não a aceitarem como verdadeira, buscando ridicularizá-la como uma relíquia medieval; outros, por creditar a ela poderes quase mágicos!

Mas, por que tamanha fascinação? Pelo simples fato de o Sudário de Turim ter sido um dos artefatos feitos pelo homem mais estudados pela ciência do século XX, a ponto de responder a diversos questionamentos a respeito daquilo que, de certa maneira, é pouco claro ou obscuro nas passagens bíblicas que tratam do assunto.

Como seres que anseiam por imagens, buscamos-las continuamente. Hoje, mais do que nunca e diante das diversas mídias disponíveis, temos uma assombrosa necessidade delas para saciar tamanho impulso. Jesus, porém, conhecendo nossa natureza, ainda mais a de um século tão descrente como o nosso, quis deixar para a nossa geração um objeto tão plenamente imagético como o Sudário de Turim.

Este traz impresso, no linho, mais que meros borrões, como se poderia esperar de um pano que tenha envolvido alguém repleto de feridas e de chagas! Aquilo que se vislumbra, pelo contrário, é uma imagem especular de um homem de frente e de costas. Além disso, ao longo dessa figura, se observam diversas marcas de sangue que, no lugar de estarem distorcidas e nodoadas, acompanham os contornos daquele vulto, revelando certas particularidades até então desconhecidas.

Temos, portanto, duas imagens muito claras no Sudário: a do homem e a do sangue que, provavelmente, procedeu dele. Além disso, não se pode esquecer de que há diversas marcas de chamuscamento resultantes de um incêndio, em 1532, em Chambéry, onde a relíquia ficava antes de Turim, bem como manchas de água utilizadas para debelar o fogo.

O torturado. No entanto, aquilo que mais nos chama a atenção são os diversos vestígios de tortura infringida àquele homem, presentes em todo o corpo: várias lesões em formato de *halteres* dispostas em três pares que nos lembram o *flagrum* – açoite empregado como parte essencial da pena capital romana –; diversos coágulos na parte posterior da cabeça, bem como na anterior que escorre

pela frente, demonstrando que diversos elementos perfurantes estiveram em contato direto e, de maneira contínua, ao couro cabeludo; uma grande ferida aberta sob o peito direito, provavelmente, por objeto lacerante, cujo sangue escorreu para a parte posterior do corpo, formando uma espécie de cinturão; uma impressão expressiva no pulso de uma das mãos (a palma da outra está encoberta, ficando à mostra apenas os dedos, com exceção do polegar ausente em ambas), demonstrando que a área foi, possivelmente, perfurada por objeto pungente; os pés, assim como as mãos, evidenciam um estigma também proveniente de um objeto perfurante, conforme é possível ver na planta do pé direito, do qual abunda muito sangue que o encharcou por completo; percebe-se uma grande tumefação na face direita, assim como a ausência de parte da barba que parece ter sido arrancada; notam-se, ainda, lacerações nas escápulas...

É importante lembrar que, sob um ponto de vista arqueológico, existem pouquíssimos resquícios da crucificação; logo, não há como precisar como tal pena capital era, de maneira efetiva, aplicada no Império Romano. Isso é devido ao fato de os supliciados terem seus corpos abandonados nas cruzes para serem devorados por animais e aves de rapina, a fim de servirem de exemplo para que os habitantes do local não comessem os mesmos crimes. Assim, a maioria dos crucificados nunca era enterrada, com raríssimas exceções, como aconteceu com Jesus segundo os Evangelhos.

Contudo, tal regalia existiu. Temos, por exemplo, o caso de Jehohanan, que viveu por volta do século I d.C. e cujos restos mortais foram encontrados em um ossuário em Jerusalém, em 1969. Ele, por exemplo, tinha o calcâneo direito transpassado por um prego de ferro de cerca de 11,5 cm. Além dele, em 2017, foi encontrado em Fenstanton, na Inglaterra, um esqueleto completo de alguém que havia sido enterrado entre 130 e 360 d.C., cujo calcâneo direito também estava varado por um prego de ferro.

Como eram crucificados? No entanto, o interesse científico pelo Sudário de Turim só teve início no final do século XIX, depois de ser revelada a fotografia de Pia Secondo, em 1898. Isso porque se percebeu que aquela imagem esmaecida de um homem ganhou contornos mais nítidos, exatamente, no negativo fotográfico, algo que seria um total contrassenso. A partir desse momento, não só cresceu o interesse pela relíquia como também muitos pesquisadores de diversas áreas se debruçaram sobre as imagens que o Sudário fornecia, levando-o a se tornar um objeto de cunho científico. Tais especialistas conseguiram preciosas informações que extrapolaram, de uma vez por todas, o campo religioso, adentrando o histórico, artístico, antropológico, físico, químico, biológico, médico, entre outros.



Rosto humano no Sudário de Turim. À esquerda o positivo, à direita o negativo, com contraste realçado

Na década de 1930, por exemplo, o cirurgião francês Pierre Barbet ficou intrigado com as marcas nos pulsos e começou a fazer uma série de experimentos com cadáveres para entender o porquê. Só aí, percebeu o óbvio: as primeiras representações artísticas da crucificação de Jesus, empregadas desde o século VI com os pregos na região palmar, estavam equivocadas. Seria impossível para as palmas suportarem o peso de um homem, ainda mais com aquela compleição física. Isso porque o peso do corpo rasgaria a pele e este tombaria para frente.

Barbet, ao pregar os pulsos dos cadáveres, percebeu a extrema facilidade com que o cravo atravessava a região, já que há espaços entre seus oito ossos; no entanto, tal ação seria extremamente dolorosa para o supliciado, devido aos nervos e tendões ali presentes. Esses, por sinal, ao serem atravessados, faziam com que o polegar, de maneira automática, se lançasse para a palma da mão, praticamente ao local em que os artistas colocavam o prego em suas representações! Não à toa, os polegares do homem estão ausentes...

Percebe-se, assim, como as informações trazidas pelo Sudário de Turim também são de extrema importância para os estudos arqueológicos referentes à crucificação que, mesmo vastamente citada e documentada por fontes romanas, não nos informaram os detalhes de como ocorria, por exemplo, a fixação do condenado à cruz. É provável que, entre os intelectuais romanos, tenha sucedido algo semelhante àquilo que afirmamos, quanto às Escrituras, em relação ao registro de ações banais naquele período.

Soma-se a isso o fato de o imperador Constantino, devido a sua proximidade com o Cristianismo, ter proibido a crucificação como pena capital, no século IV. Mas, por

que isso é relevante para os estudos sindônicos, como os que executo há alguns anos? Porque um século após essa proibição e com o Cristianismo tendo sido propagado para grande parte do mundo pagão, para os quais as imagens já era uma realidade há muitos anos, diversos fiéis começaram a buscar por representações do Senhor, que já existiam, mas que não o retratavam na cruz.

As representações artísticas. Surge aí uma questão decisiva para os artistas, acostumados a buscar modelos: como representar uma crucificação se não havia nenhum paradigma para se imitar? Eis que algum pintor, simplesmente, idealizou aquilo que julgava ser tal suplício: braços rentes ao *patibulum* (trave da cruz), com o corpo formando um ângulo reto em relação ao *stipes* (poste), pregos nas palmas das mãos, pregos em cada uma das pernas no espaço entre a tíbia e a fíbula, Jesus vestido com roupas sacerdotais, olhos bem abertos, sem a coroa de espinhos, sem nenhuma gota de sangue...

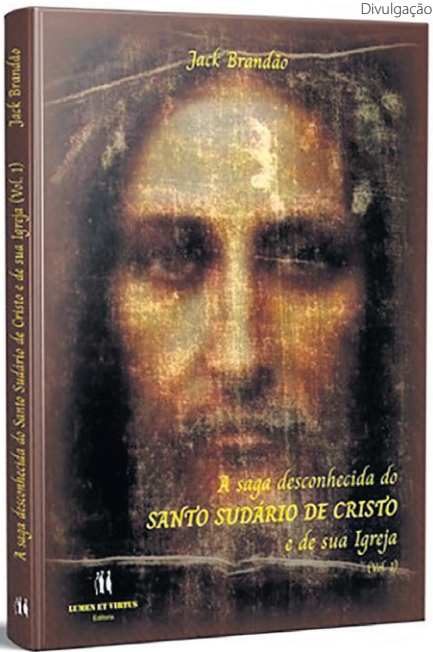
Tal modelo tornou-se paradigmático e seria imitado por grande parte dos artistas do século VI até o momento em que outro paradigma fosse colocado em seu lugar. Pode-se perguntar: que relação têm tais imagens como o Sudário de Turim? Nenhuma! Isso faz dele um objeto único e, digamos, à prova de falsificação pictográfica; pois, como dissemos, os artistas da Antiguidade, assim como os do Renascimento, trabalhavam com modelos que eram, continuamente, imitados.

Por sua vez, o Sudário distancia-se de todo fazer artístico que surgiu na arte pictográfica paleocristã, bem como nas de séculos posteriores. Isso quer dizer que seria muito difícil para um artista daquele período não só inovar e criar algo do nada, mas

também fazer com que tal modelo fosse aceito por sua sociedade. Caso isso ocorresse, como aqueles que pintaram as primeiras crucificações, pouco se importariam com questões anatômicas, visto que os valores transcendentais estariam à sua frente, como naquela que seria a pintura bizantina, por exemplo.

O Sudário, após anos de estudos, mostra-nos uma grande precisão na constituição anatômica do homem ali retratado, ainda mais em um tempo no qual tais conhecimentos não eram ainda tão precisos, como na Idade Média, período em que o teste de carbono 14 lançou a origem do pano.

* Pesquisador da arte medieval, renascentista e seiscentista, de modo especial de sua recepção pelo leitor hodierno, tendo desenvolvido o conceito de iconofotologia, com o qual mantém sua linha de pesquisa. Diretor do Centro de Estudos Logo-Imagético CONDES-FOTÓS e editor da revista acadêmica *Lumen et Virtus*



Para conhecer mais sobre o tema, leia:
BRANDÃO, Jack. *A saga desconhecida do Santo Sudário de Cristo e de sua Igreja.* São Paulo: **Editora Lumen et Virtus**, 2022.

Bento XVI: os fatos históricos e nosso conhecimento de Cristo

Núcleo Fé e Cultura

São Paulo distingue dois modos de conhecer especificamente Jesus e dois modos gerais de conhecer uma pessoa. Escreve na Segunda Carta aos Coríntios: “De modo que, de agora em diante, a ninguém conhecemos segundo a carne. Ainda que tenhamos conhecido a Cristo desse modo, agora já não O conhecemos assim” (5, 16). Conhecer “segundo a carne”, de modo carnal, significa conhecer de modo apenas exterior, com critérios superficiais: pode-se ter visto uma pessoa diversas vezes e, portanto, conhecer as suas feições e os diversos pormenores do seu comportamento: como fala, como se move etc.

Contudo, mesmo conhecendo alguém desta forma, não o conhecemos realmente, não se conhece o núcleo da pessoa. Só com o coração se conhece verdadeiramente uma pessoa. De fato, os fariseus e os saduceus conheceram

Numa Catequese sobre São Paulo, Bento XVI apresenta, com grande clareza, a famosa distinção entre o Cristo histórico e o Cristo da fé. Uma reflexão que pode nos ser útil neste tempo pascal, particularmente agora que nos aproximamos da data simbólica da comemoração do segundo milênio da crucificação do Senhor... (trechos selecionados da Audiência Geral, 8 de outubro de 2008).

Jesus de modo exterior; ouviram o seu ensinamento, conheceram muitos pormenores acerca Dele, mas não O conheceram na sua verdade. Há uma distinção análoga numa palavra de Jesus. Depois da Transfiguração, Ele pergunta aos apóstolos: “Quem dizem as pessoas que Eu sou?” e “Quem dizeis vós que Eu sou?”.

O povo o conhece, mas superficialmente; sabe diversas coisas acerca Dele, mas não O conhece realmente. Ao contrário os Doze, graças à ami-

zade que chama em causa o coração, compreenderam pelo menos na substância e começaram a conhecer quem é Jesus. Também hoje existe este modo diverso de conhecimento: há pessoas doudas que conhecem Jesus nos seus muitos pormenores e pessoas simples que não conhecem estes pormenores, mas o conheceram na sua verdade: “o coração fala ao coração”. E Paulo quer dizer que conhece essencialmente Jesus assim, com o coração, e que conhece desse modo fundamentalmen-

te a pessoa na sua verdade; e depois, num segundo momento, conhece os seus pormenores [...]

Em conclusão, São Paulo não pensa em Jesus na veste de historiador, como numa pessoa do passado. Conhece certamente a grande tradição sobre a sua vida, as palavras, a morte e a ressurreição de Jesus, mas não trata tudo isso como coisas do passado; propõe-no como realidade do Jesus vivo. As palavras e as ações de Jesus para Paulo não pertencem ao tempo histórico, ao passado. Jesus vive e fala agora conosco e vive para nós. É este o verdadeiro modo de conhecer Jesus e de acolher a tradição acerca Dele. Também nós devemos aprender a conhecer Jesus não segundo a carne, como uma pessoa do passado, mas como nosso Senhor e Irmão, que hoje está conosco e nos mostra como viver e como morrer.

Os Fabelmans: um canto ao cinema e uma elegia à família

Rafael Ruiz*

Depois de assistir *Os Fabelmans*, entendemos melhor por que Spielberg dá tanta importância às cenas e aos laços familiares e, principalmente às refeições em família. Praticamente todos os seus filmes deixam ver sempre essas cenas familiares, tanto nos seus momentos de alegria, quanto de tristeza; tanto nas horas dos planos felizes juntos, quanto nas horas amargas da dor e da desilusão.

O filme começa com um casal – os Fabelmans – que leva ao cinema um garotinho entusiasmado perante provavelmente o primeiro filme a que vai assistir – *O Maior espetáculo da terra*, de Cecil DeMille – e acaba com um diálogo de pouquíssimos minutos entre o jovem Spielberg, aos 18 anos, e o carismático diretor, inclusive para o próprio Spielberg, John Ford, que o confirma definitivamente na sua carreira. Entre o primeiro momento e o último, Spielberg coloca diante dos nossos olhos todo o seu amor e paixão pelo cinema e toda a sua emoção e sentimentos contrastantes com relação à sua família.

Há um momento em que o tio da sua mãe vai visitá-los precisamente porque a sua irmã, avó de Spielberg, acabara de falecer. A sua mãe se surpreende porque as relações entre esse tio e o resto da sua família estavam praticamente cortadas fazia muito tempo. A visita é curta e os diálogos são breves, e para a narrativa do filme, talvez sejam pouco importantes, mas para o drama vivido pela família

Difícil posicionar-se sobre um filme como esse que nos tem oferecido Spielberg. Difícil porque se, por um lado, estamos diante de uma obra que é um canto e um poema de amor ao cinema, naquele inesquecível estilo de Cinema Paradiso, por outro lado, dói conhecer a dura experiência vivida pelo diretor aos seus 16 anos em que, sim, é tudo verdade, até o macaquinho que a mãe comprou para substituir, temporariamente, uma carência afetiva.



Spielberg, provavelmente foi um diálogo decisivo.

Deu-se entre o tio e um Sammy Fabelman (o alter ego de Spielberg) com uns 16 anos. O tio lhe diz que não há alternativa, que terá de escolher entre a arte ou a família, que não há conciliação entre ambos. E o avisa: “Você, a tua mãe e eu somos feitos da mesma pasta”. E, ao mesmo tempo, pausa as suas mãos grandes e fortes no rosto do jovem Spielberg e vai apertando e apertando até doer.

Então, solta o seu rosto, pergunta se doeu e conclui: “Será assim mesmo, vai doer essa separação”.

A partir desse momento, o desejo de controlar a vida, coisa que Sammy Fabelman percebe que pode ser feito por meio do filme e da sua edição, corre em paralelo com a angústia e o desespero de ver a própria família se esfacelando e assistir a tudo isso de forma impotente.

A atuação dos pais e do jovem Spielberg, bem como do amigo em

discórdia da família, é primorosa. A trilha sonora, quase toda ela excelentemente escolhida de um repertório de música clássica, é maravilhosa. Afinal, a mãe era ou poderia ter sido uma excelente pianista. Como dissera o tio, poderia estar tocando na filarmônica de Viena. As cenas de Sammy com os colegas de colégio, com os “boy scouts” ou, mais tarde, com os colegas da High School, já na Califórnia, com seus momentos de camaradagem, de “bullying” ou de namoro deixam um gosto agriado na alma.

Um grande filme que se torna ainda maior quando sabemos que tudo ou quase tudo daquilo que a gente se pergunta, “mas será? será que foi isso mesmo?”, tem como resposta que sim, que foi isso mesmo, embora de forma editada e controlada. Na vida real, nessa em que as coisas se passaram quase que sem controle, foi – deve ter sido – bem mais doloroso. Um filme que, sem dúvida, vale a pena ser visto.

* Professor de História da América da UNIFESP

Os Fabelmans

Direção: Steven Spielberg
Roteiro: Tony Kushner e Steven Spielberg
Elenco: Gabriel LaBelle, Michelle Williams e Paul Dano
Produção: Amblin Entertainment (2022)
Disponível: Amazon Prime Video, Google Play Filmes, iTunes e YouTube